



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

CRIN-BLANC / 1953 CRINA BRANCA

um filme de ALBERT LAMORISSE

Realização: Albert Lamorisse *Argumento:* Albert Lamorisse, Denus Colomb Daunant *Comentário:* Albert Lamorisse, James Agee *Fotografia:* Edmond Séchan *Som:* Regine Artarit *Montagem:* Georges Alépée *Música:* Maurice Leroux *Interpretação:* Alain Emery (Folco), Laurent Roche, Clan-Clan, Pascal Lamorisse, François Perie, Charles Guillaume, Alain Colomb Daunant, Denys Colomn Daunant, Charles Fouhetty, Pierre Bestieux, Pierre Moureaux-Nery, Jean-Pierre Grenier.

Produção: Films Montsouris *Produtor:* Albert Lamorisse *Estreado comercialmente em Portugal,* pela Distribuidores Reunidos entre 1953 e 1957 (*não existem registos da data exacta de estreia*) *Cópia:* ficheiro digital, preto e branco, legendada electronicamente, 38 minutos *Primeira exibição na Cinemateca:* 13 de Fevereiro de 2013 (“Visões da Infância”, com BIM, LE PETIT ÂNE).

LE BALLON ROUGE / 1956 O BALÃO VERMELHO

um filme de ALBERT LAMORISSE

Realização, Argumento: Albert Lamorisse *Fotografia:* Edmond Séchan *Som:* Pierre Vuillemin *Montagem:* Pierre Gillette *Música:* Maurice Le Roux *Interpretação:* Pascal Lamorisse (Pascal), George Sellier, Vladimir Popov, Paul Perey, Renée Marion (mãe de Pascal), Sabine Lamorisse (rapariga do balão azul), Michel Pezin.

Produção: Films Montsouris (França, 1956) *Produtor:* Albert Lamorisse *Direcção de produção:* Michel Pezin *Estreia:* 3 de Maio de 1956, no Festival Internacional de Cinema de Cannes (Palma de Ouro; Óscar de Melhor Argumento Original da Academia de Hollywood em 1956) *Estreia comercial em Portugal:* 18 de Dezembro de 1956, no cinema Tivoli (Lisboa) *Cópia:* ficheiro digital, cor (Technicolor), sem diálogos e quase sem falas, sem legendas, 34 minutos *Primeira exibição na Cinemateca:* 13 de Fevereiro de 2016 (“Cinemateca Júnior, com o Festival Play”).

O registo de fábulas da infância e a atenção dada à paisagem e à sua fotogenia são elementos que participam da imagem de marca do cinema de Lamorisse, que foi fotógrafo e realizou as suas primeiras curta-metragens em 1947 e 1949 (DJERBA, BIM, LE PETIT ÂNE) e o seu filme mais famoso em 1956: seguindo a personagem de um miúdo que por sua vez segue um balão (vermelho) pelas ruas parisienses do bairro de Ménilmontant, LE BALLON ROUGE teve à época uma assinalável popularidade e esteve na origem de LE VOYAGE EN BALLON, de 1960, a primeira das três longas do realizador. Lamorisse assinaria FIFI LA PLUME em 1965 e LE VENT DES AMOUREUX, um título póstumo, estreado oito anos depois da sua abrupta morte em 1970 num acidente de helicóptero durante a rodagem desse filme no Irão. Como LE BALLON ROUGE, CRIN-BLANC foi um filme “de Cannes” e estabeleceu a reputação de Lamorisse como “cineasta da infância”, que já vinha na esteira de BIM, em raccord com eles no essencial da narrativa – histórias de crianças em modo de fábula, protagonizadas por miúdos e conduzidas pelo poder da sua imaginação olhada por uma adulta poética da melancolia.

Sem a depuração de LE BALLON ROUGE, mas estreitando a associação temática que os une, BIM, rodado na Tunísia a partir de um conto oriental, texto e comentário de Jacques Prévert, e CRIN-BLANC, rodado nas margens francesas do rio Camargue com texto de Lamorisse e Colomb de Daunan, centram-se na exposição de “pequenos contos” de miúdos e animais, um burro no caso do primeiro, um cavalo selvagem no do segundo. Os dois são filmes de poucas palavras e ainda mais raros diálogos, uma vez que o texto fundamental é o do comentário off do narrador, sublinhando a economia narrativa e a importância fundamental da paisagem, aliados por um olhar simultaneamente ancorado no real e disponível para a ficção. Adoptando um termo simplista, poder-se-falar neste sentido da qualidade “semi-

documental” desses dois títulos (ambos filmados num expressivo preto e branco) construídos numa dimensão efabuladora.

Numa crítica a CRIN-BLANC publicada em 1953 nos *Cahiers du cinéma*, André Bazin coloca “a questão Lamorisse” em termos de “real e imaginário” (o título do artigo é “O Real e o Imaginário”) defendendo a originalidade da inspiração de Lamorisse: “Com CRIN-BLANC, BIM talvez seja o único verdadeiro filme para crianças que o cinema produziu até agora”, escrevia lembrando os soviéticos, o esforço de produção de J.A. Rank e a animação Disney como tendo dado origem a filmes “que nada têm de comparável com a verdadeira literatura infantil.” Nesse texto, Bazin equipara CRIN-BLANC ao equivalente cinematográfico de um conto de Andersen (talvez mais do que de Perrault, precisa ele), e passa pela caracterização do moralismo cínico de La Fontaine e da Condessa de Ségur como uma avó diabólica e sado-masoquista. A sua tese é que os autores da *verdadeira literatura infantil* só raramente são educativos – caso de Jules Verne – assumindo-se como “poetas cuja imaginação tem o privilégio de ter permanecido no comprimento de onda onírico da infância”. É neste “comprimento de onda” que Bazin enquadra o trabalho de Lamorisse, marcado pela qualidade da poesia:

“[em CRIN-BLANC] Albert Lamorisse soube imaginar um mito simples e belo cujas afinidades com o cinema são particularmente felizes. É na verdade evidente que, melhor do que todas as outras, a arte do cinema é capaz de tornar sensível a poesia da infância e a do cavalo. O ecrã ofereceu aos mitos centauros uma realidade que ultrapassa a da escultura e a da literatura antigas. Mas no western, por exemplo, o cavalo está ainda submetido à história, é apenas um seu elemento. Em CRIN-BLANC é o próprio objecto, a matéria do mito, é ele que determina a linha simples e melódica do conto até à metamorfose final do cavalo em hipocampo.” A criatura meio-cavalo meio-marinha que Bazin refere como resultado da metamorfose operada em CRIN-BLANC é-o *no cinema*, nos planos finais do filme que mostram o miúdo e o cavalo meio submersos nas ondas. As imagens confirmam o poder onírico do filme, assim *liberto*, à semelhança dos seus protagonistas no interior da própria história. O ritmo poético, de CRIN-BLANC tem o poder de um imaginário aliado à força vital do realismo natural da paisagem.

Registe-se que François Truffaut desalinhou do entusiasmo geral que acolheram criticamente CRIN-BLANC e LE BALLON ROUGE, quando na implacável e muito interessante recensão que publicou em 1956 na revista *Arts* analisou os dois filmes rebatendo a muito elogiada dimensão de contos infantis, para defender que o cinema de Lamorisse era meramente decorativo, “poesia telefonada”. Para o Truffaut jovem brilhante crítico, o trabalho de Lamorisse estava ao nível do de Walt Disney no sentido da traição a La Fontaine, aos humanos e aos animais que antropomorfiza como considera que Lamorisse faz com o cavalo e o balão dos dois filmes em causa. E subscrevendo que LE BALLON ROUGE é “um filme cuidadosamente realizado e admiravelmente fotografado”, “dos mais belos dos filmes a cores de sempre graças ao extraordinário trabalho de Edmond Séchan, o nosso melhor director de fotografia da actualidade”, Truffaut nega vislumbrar nele poesia, fantasia, sensibilidade e verdade.

Composto num belo Technicolor nas ruas parisienses do pós-Guerra molhadas pela chuva de Inverno e depois batidas pelo Sol de uma estação mais indefinida, com as trucagens que num outro importante texto interessaram a Bazin (“Montagem Interdita”, nos *Cahiers* nº 65 de 1956), LE BALLON ROUGE havia de tornar-se um “clássico” do cinema da infância. O miúdo, vestido de cinzento claro, é pequeno, o balão é grande e muito vermelho, uma mancha reluzente que lembra um chupa-chupa gigante com o qual o pequeno desenvolve uma relação de estimação a que o objecto estranhamente corresponde como um leal animal amestrado, digamos assim. Podíamos entendê-lo como um amigo imaginário, caso não fosse visível para os outros transeuntes ou para o contínuo da escola, ou para a menina que se cruza na rua com um idêntico balão azul, ou para o bando maroto de traquinas que vem impor a perda como moral da história de pouquíssimas falas. Mas é, e portanto é mesmo um invólucro de fino plástico cheio de ar, suspenso por um fio. Ou não é bem, porque se não é imune ao poder de uma fisga nem sempre precisa de ser agarrado pela corda a que está atado. E nesta história alheia à lógica, o desfecho não desampara o pequeno protagonista preferindo brindá-lo com o presente de uma profusão de balões de cores translúcidas que se comportam como um aparelho de navegação área animado, para uma divertida incursão pelo céu da cidade.

Maria João Madeira